

RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA: UMA (RE) CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Valdeni de Jesus Almeida¹
Helder Francisco Ferreira²
Lúcia Gracia Ferreira³
Edna de Jesus Almeida Santos⁴
Derival Santos⁵

Resumo:

Desde o surgimento do homem na terra, a frequência e os tipos de impactos ambientais foram se ampliando em intensidade e extensão. Os exemplos de interferência do homem na natureza são inúmeros e cada vez mais preocupantes: efeito estufa, poluição do ar, destruição das florestas, etc.

O homem alcançou níveis extremamente elevados de desenvolvimento industrial, científico e tecnológico. Por outro lado também o planeta jamais foi tão fortemente agredido para satisfazer a ganância de uma minoria privilegiada.

Apesar de todo avanço tecnológico desenvolvido pelo homem ele ainda depende da natureza para viver, pois é dela que retira quase tudo que necessita para viver. Por isso é chegada a hora de repensar a sua relação com a natureza e buscar formas de promover o equilíbrio ambiental tão necessário para a continuidade da vida no planeta.

Palavras-chave: Homem, natureza, planeta

Abstract:

From the man's appearance in the earth, the frequency and the types of environmental impacts were enlarging if in intensity and extension. The examples of the man's interference in the nature are countless and more and more preoccupying: effect stews, pollution of the air, destruction of the forests, etc.

The man reached extremely high levels of development industrial, scientific and technological. On the other hand also the planet was never so strongly attacked to satisfy the greed of a privileged minority.

In spite of every technological progress developed by the man he still depends on the nature to live, therefore it belongs to her that removes almost everything that needs to live. Therefore it is arrived the hour of to rethink your relationship with the nature and to look for forms of promoting such necessary environmental balance for the continuity of the life in the planet.

Keyword: Man, nature, planet

Historicamente, o homem surgiu na era Cenozóica no período denominado Quaternário. Cientificamente, Darwin afirmou que o homem é descendente de um

¹ Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus de Itapetinga, valdenija6@hotmail.com.

² Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília.

³ Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia.

⁴ Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus de Itapetinga.

⁵ Pedagogo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus de Itapetinga

ancestral comum que viveu há aproximadamente sete milhões de anos. Desde o seu surgimento o homem passou a evoluir-se, aprendendo sobre como viver na Terra. Logo no início de seu surgimento (de 600 mil a 10 mil a.C), o homem era nômade, vivia em bandos e ajudavam uns aos outros; produziam armas, ferramentas de madeiras, ossos e lascas de pedra. O primeiro grande momento do homem foi quando conseguiu obter o fogo. Na divisão da Pré-história esse período é chamado de Paleolítico (Idade da Pedra Lascada). No período Neolítico (aproximadamente 10 mil a 4 mil a.C) etapa da evolução cultural do homem em que ele começou a polir a pedra, melhorando seus instrumentos; passou a viver em tribos; tornaram-se sedentários, pastores e agricultores; domesticaram certas espécies de animais e foi quando o homem inventou a roda (Idade da Pedra Polida). Na Idade dos Metais (4 mil a.C até o aparecimento da escrita) o homem aprendeu a utilizar os metais, fundido-se através do fogo. Passou a utilizar os metais na fabricação de espadas, lanças, enfeites etc. Surge também nesse período as primeiras cidades e o aparecimento da escrita marcam o fim da Pré-história. Assim, apareceram as primeiras civilizações (MÓDULO, 2004).

Homem, segundo Cabral e Nick (2001, p. 143) “é um mamífero da ordem dos primatas, gênero *Homo*, espécie *Homo Sapiens*, a única até hoje conhecida do gênero”. O homem vive em um meio, onde também se encontra a natureza, constituída de flora e fauna. Nesse meio ainda encontramos elementos bióticos e abióticos, onde um é tão importante quanto o outro para a manutenção da vida, o que mostra a relação de interdependência existente entre ambos.

É da natureza que o homem extrai os recursos naturais que precisa para sua manutenção. Os recursos naturais podem ser renováveis e não-renováveis. Os renováveis “são aqueles, que depois de serem utilizados, ficam disponíveis novamente graças aos ciclos naturais” (BRAGA *et. all.*, 2002, p. 5). E os não-renováveis que ainda podem ser dos minerais não-energéticos e dos energéticos.

Mas, o que é a natureza? Segundo Vesentini e Vlach (1997, p. 8):

Natureza é o conjunto dos elementos que nos rodeiam: o ar, as águas, o solo, as rochas, a fauna, a flora, a luz solar, etc. Os elementos da natureza não existem isoladamente. Eles se relacionam uns com os outros, formando conjuntos interligados:

- A vegetação depende do solo, mas também não sobrevive sem a luz do sol.
- O solo se altera com o clima (chuvas, calor etc.).
- O ar fica mais úmido com a evaporação dos rios e lagos.
- Os rios precisam da chuva para manter sua correnteza.

Assim, cada um dos elementos da natureza depende dos demais. E a natureza é extremamente importante para a sociedade humana.

Percebemos então, que com o passar dos tempos o homem evoluiu-se mais e mais. Mas para que compreendamos a essência da vida é necessário percorrer a história. Há algum tempo muitos cientistas vem tentando desvendar os mistérios que explique os grandes acontecimentos ocorridos na Terra, como alguns fenômenos naturais que tem ocorrido e são verdadeiros eventos catastróficos. Várias teorias surgiram até então para explicar a existência da vida na terra, partindo de teorias fragmentadas, mecanicistas até as sistêmicas. Dentre os grandes estudiosos da ciência encontram-se Descartes (1596-1650), que através do paradigma cartesiano

explicou que para se entender um sistema complexo seria necessário decompor suas partes. Portanto, a idéia era analisar parte por parte (CAPRA, 2002).

Em contraste a este pensamento, estudos seguiram enveredando para pensar no todo. A partir dessa compreensão, os estudos foram focados para não ver apenas as partes individuais sem relacionar com o todo. Com o foco da ciência para o todo, o meio ambiente passou a ser repensado. Surgiram assim várias concepções como: movimento romântico, vitalismo, biologia organísmica, pensamento sistêmico, física quântica e psicologia da gestalt que se opõem à percepção de que sistemas possam ser entendidos pela análise de suas partes.

Na busca de explicações da origem da vida, surgiram pontos de vista que defendiam o aparecimento espontâneo e o criacionismo de cunho religioso ou pela ciência. Estes estudos buscam compreender as partes para chegar a explicar o todo. Nessa dinâmica, encontra-se a teia de inter-relações entre os elementos do planeta, onde o rompimento de um dos fios dessa teia afeta toda a cadeia.

Lovelock, por volta de 1960 chamou a atenção dizendo que a Terra era como um organismo vivo. Essa hipótese ele chamou de GAIA, onde ele tenta explicar a operacionalização do equilíbrio dinâmico do mundo. O nome GAIA era o nome de uma deusa da mitologia grega que, ao ser “agredida” ela se vingava do seu agressor, e ao ser “agradada” ela tentava retribuir com algo bom. Assim também é a natureza, ao ser agredida ela se vira contra nós, e ao ser bem cuidada ela nos dá frutos que mantém a vida. Vemos isso bem claramente na questão do aquecimento global. Somos nós que agredimos a natureza lançando excessivos gases carboníferos na sua atmosfera e ela se vinga de nós provocando as mudanças climáticas entre outros fenômenos. A vida na Terra depende da harmonia entre o homem e a natureza (1991).

Todos esses estudos serviram de embasamento para o surgimento de novas idéias que contribuíram para uma mudança da visão de mundo, ou seja, do pensamento mecanicista para o pensamento sistêmico que concebe o mundo como um todo integrado e interdependente.

Sabemos que o homem e a natureza fazem parte de um mesmo meio: o meio ambiente. Eles, junto com os elementos bióticos e abióticos compõem esse meio. O homem vem já há algum tempo modificando a natureza, transformando paisagens naturais em paisagens culturais e explorando os recursos por ela produzidos. Com a transformação ocorrida na mente humana, o homem passou a querer dominar a natureza, mesmo sabendo que a exploração irracional da natureza desequilibraria o meio onde vive. Mas o homem foi mais longe, achando pouco necessária a natureza. Grum (1996 *apud* SILVA E INFORSATO, 2000. p. 172), destaca que:

Se a razão é autônoma, a natureza não pode sê-lo. Então, a natureza precisa ser dominada. A questão é simples: Como posso dominar alguma coisa da qual faço parte? A resposta é que não posso fazer parte da natureza. Se pretender dominá-la, preciso me situar fora dela.

No entanto, uma série de revoluções conceituais vem revelando claramente as limitações da visão de mundo mecanicista, e levando a uma mudança universal dos valores humanos.

Entendemos que enquanto o mundo se evoluía, o espaço geográfico também era transformado e a relação homem-natureza restabelecida. A sociedade industrial surgiu e o homem passou a se sentir cada vez menos parte da natureza, passando

a transformá-la. Surgiu então uma batalha onde o homem sempre queria vencê-la. (VESENTINI & VLACH, 1996).

Com a globalização tudo é possível, pois esta está associada a expansão capitalista no atual período técnico-científico. Logo no início da globalização as transformações tecnológicas, econômicas e sociais aconteciam de forma muito lenta. Foi no século XVIII, com a Revolução Industrial é que essas transformações foram se intensificando e assim o homem passou a explorar de forma “criminosa” os recursos naturais. Segundo Ataíde (2001, p. 40), a globalização é “um processo amplo, complexo, que compreende a economia, as finanças e as tecnologias, mas envolve também as relações sociais e a cultura”. Isso firma um novo perfil da economia que assusta e que se firma no capitalismo neoliberal, que toma corpo e cresce em escala mundial.

Sabemos que os recursos naturais são matérias-primas para as indústrias que sustenta a economia, mas isso não justifica tal exploração e é a causadora de uma das maiores crises ambientais existentes, provocando o desequilíbrio do planeta.

O planeta Terra, considerado um organismo vivo, segundo Lovelock (1991), tem a capacidade de auto regular-se (homeostase), ou seja, a capacidade de mudar para manter o equilíbrio sempre que ocorrer alterações no ambiente. Por isso, ele ainda não foi totalmente destruído. Mas se a sociedade moderna continuar as intensas explorações da natureza isso não vai demorar a acontecer.

Para que haja uma relação harmoniosa entre o homem e a natureza propõe-se a ecologia interior, ou seja, a auto-avaliação. Somente buscando o equilíbrio interior é que poderemos ter um equilíbrio exterior. Esse equilíbrio interior é capaz de promover mudanças de valores, de postura e de cultivar a cultura da paz. Para Weil (1993, p. 21) “recuperar a unidade perdida significa reconquistar a paz. Mas, desta vez, o inimigo a derrotar não é estrangeiro. Ele mora dentro de nós. É a força que isola o homem racional de suas emoções e intuições”.

Sabemos que há preocupações com as questões ambientais, isso devido aos grandes problemas de desequilíbrio ecológico que têm provocado alterações na vida social, política e econômica da população. Assim, compreendemos que o equilíbrio deve estar, primeiramente, dentro de nós para, assim, produzir efeitos a favor das causas ambientais.

O equilíbrio ambiental deve ser também social. Busca-se a paz, mas sabemos que é a nossa atuação enquanto humanos que proporcionará isso. Tem que partir de nós. Somos nós que temos de buscar a interação, a harmonia entre os seres vivos e não vivos para assim buscarmos o equilíbrio socioambiental. Weil (1993, p. 24) diz que “mais do que a ausência de conflito, a paz é um estado de consciência. Ela não deve ser procurada no mundo externo, mas principalmente no interior de cada homem, comunidade ou nação”. Ainda diz que “a paz é ao mesmo tempo felicidade interior, harmonia social e relação equilibrada com o meio ambiente” (p. 30). Entendemos e concordamos com ele que

[...] não pode haver verdadeira paz no plano pessoal quando se sabe que reinam a miséria e a violência no plano social ou que a natureza nos ameaça com a destruição porque nós a devastamos.

A visão ou consciência holística implica um alargamento progressivo das fronteiras humanas. Começamos pela pessoa, cujas características egocentradas diminuem quando ela se abre para a sociedade em que vive. Já é uma evolução, mas pode ir mais além. Progressivamente, esse indivíduo descobre que sua vida e a de seus semelhantes dependem de um delicado equilíbrio ecológico: a

consciência sociocentrada se desdobra então em consciência planetária (1993, p.30).

Assim, a questão ambiental é mais que isso. É socioambiental. Atrelada aos problemas ambientais estão os problemas sociais, ecológicos, econômicos, educacionais e políticos. Como podemos ter um planeta equilibrado se há desigualdade social, violência, desemprego, miséria? Se falta saúde, moradia e educação? Como podemos viver bem se não temos qualidade de vida?

Boff (1999, p. 133) nos dá uma lição ao dizer:

Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra. Temos unicamente ele para viver e morar. É um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos. Por causa do processo predador do processo industrialista dos últimos séculos esse equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu 8 vezes, consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes. O agravamento deste quadro com a mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra.

É importante que se faça essa reflexão, pois hoje, o homem se comporta como dono do mundo, agindo de forma irresponsável, não tendo nenhum compromisso para com as gerações presentes e futuras, e se hoje o planeta é alvo de grandes transformações e desequilíbrio, o homem é o grande responsável. Assim, entendemos que a natureza enquanto responsabilidade humana deve ser cuidada.

Nesse âmbito, consideramos três períodos históricos onde é possível analisar a relação homem-natureza.

O período inicial dessa análise vai do surgimento do homem até um pouco mais do surgimento das grandes civilizações (a.C.). O homem era um ser “primitivo”, mas em relação com a natureza era “civilizado”. Civilizado não no sentido literal da palavra, mas porque valorizava a natureza como era. As primeiras civilizações que surgiram em volta dos rios, como a egípcia e a mesopotâmia, valorizavam as águas do rio, não poluindo ou contaminando e usando de forma racional; fazendo também obra de irrigação e drenagem, controlando o excesso e a falta de água. Foram os Sumérios, povos antigos da Mesopotâmia que inventaram a escrita (MÓDULO, 2004).

Nos dias de hoje ainda existe uma restinga desses povos. Não de sua naturalidade, mas de sua forma de pensar, o qual chamamos de sociedade pré-industrial. Sobre eles Vesentini e Vlach (1997, p. 12) dizem que:

Existem ainda alguns agrupamentos humanos que pouco modificam a natureza. São as sociedades ou os povos pré-industriais, que dispõem de tecnologia rudimentar e produzem seus objetos (roupas, instrumentos, habitações) sem o uso de máquinas. Esses objetos são em geral feitos à mão, com o auxílio de ferramentas simples. O pequeno desenvolvimento tecnológico das sociedades pré-industriais tem uma explicação: esses povos não se interessam em aperfeiçoar suas técnicas e instrumentos porque procuram viver em

harmonia com a natureza. Para eles basta sobreviver. Não desejam dominar a natureza porque se consideram parte dela e adaptaram-se facilmente às condições naturais de seus territórios. No passado, praticamente toda comunidade agia assim. Hoje, apenas alguns poucos povos sobrevivem dessa maneira. Esses povos não formam grandes aglomerações humanas: vivem geralmente em aldeias ou povoados, e não em cidades.

Os principais povos a que se refere são os esquimós (habitam no norte do Alasca e do Canadá e a ilha da Groenlândia); os lapões (vivem em trechos da Suécia, da Noruega e da Finlândia); os pigmeus (habitam a floresta equatorial do Congo); os bosquímanos (vivem no deserto de Kalahari, no sul da África); os papuas (vivem na Nova Guiné, Oceania); os aborígenes ou indígenas da Austrália e da América do Sul.

No Brasil, foram os índios que, durante muito tempo, mantiveram essa relação harmoniosa com a natureza. De acordo com o IBGE (2000), apenas 15 % da mata original da Floresta Amazônica havia sido destruída, isso graças aos índios.

Esses povos antigos modificavam pouco a natureza porque “geralmente possuíam tecnologia simples: arco e flecha, técnicas de cerâmica, ferramentas para cortar couro, para fazer casas ou canoas, etc.” (VESENTINI & VLACH, 1997, p. 11).

O homem como um ser inteligente busca cada vez mais aperfeiçoar suas técnicas e, conseqüentemente, evoluir-se. Nesse aspecto, com o passar dos anos ele passou a evoluir-se de forma cada vez mais rápida. Esse período da grande “evolução” do homem e da sociedade chamaremos de intermediário e dataremos a partir do século XVIII (Revolução Industrial). Assim, Vesentini e Vlach (1997, p. 11) diz que

A ação humana sobre a natureza para garantir a sobrevivência dos indivíduos é uma característica encontrada nos mais diversos grupos sociais, nos diferentes momentos da História qualquer povo ou sociedade modifica a natureza, embora de formas diferentes.

A sociedade industrial passou a modificar tanto a natureza a ponto de suas ações passarem a provocar alterações no equilíbrio natural do planeta. Passaram a surgir problemas como aquecimento global, efeito estufa, derretimento das geleiras e aumento do nível do mar, alterações no clima e nas correntes marinhas, isso no âmbito ambiental. No âmbito social, a globalização na sociedade industrial passou a ser moda e em conseqüência dessa moda temos um alto índice de desemprego, violência, consumismo, desigualdade social, grande concentração de renda na mão de poucos, falta de saúde, educação, moradia, saneamento básico, enfim, falta qualidade de vida. Isso tudo porque essa sociedade valoriza mais o ter do que o ser, muito mais a competição do que a participação e, mais o individualismo do que a coletividade.

A industrialização provocou intensas mudanças no espaço geográfico. Antes dela o homem era muito ligado à natureza.

À medida que novas tecnologias são descobertas, os homens passam a depender cada vez menos da natureza. Dessa forma, o espaço onde vivem deixa de ser fortemente influenciado pelas condições naturais e passa a ser o resultado da ação humana (VESENTINI & VLACH, 1997, p. 54).

A industrialização faz parte da evolução da sociedade. Hoje nos habituamos a tecnologia a ponto de não abirmos mais mão dela. “Se por um lado isso traz grandes benefícios para o homem, por outro tem o inconveniente de causar sérios problemas ambientais” (VESENTINI & VLACH, 1997, p. 54). Ainda diz que o “homem moderno, ao contrário, criou o mundo artificial e distante da natureza original, que ele vai transformando sem parar. Ele derruba florestas, polui as águas e o ar, extermina a fauna das áreas que ocupa, modifica os solos” (VESENTINI & VLACH, 1996, p. 190).

Mas por volta da década de 60 algumas coisas começaram a acontecer e a favorecer as causas ligadas ao meio ambiente como a publicação do livro de Raquel Carson, *Primavera Silenciosa*, que denunciava a degradação ambiental por meio de produtos danoso como os pesticidas. Também se realizou em 1972 a Conferência das Nações sobre o Ambiente Humano (Estocolmo), em 1975, em Belgrado (Iugoslávia) um Encontro Internacional em Educação Ambiental, em 1977 uma Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental em Tbilisi entre outros como a ECO 92.

Desde então, começamos a perceber que vivenciamos uma crise que machuca o ambiente. E passamos a perceber que enquanto atingir somente o ambiente o homem não vai se preocupar tanto ou mostrar que se preocupa (falsa consciência). Mas agora que o barato está saindo caro; agora que o homem está percebendo que a crise passou a atingir também seu bolso é que ele realmente está parando para refletir sobre o assunto.

Assim, é possível dizer bem vindo a nossa atual realidade, onde o homem busca, através do que ele mesmo chama de desenvolvimento sustentável, continuar obtendo lucro sem degradar o meio ambiente, garantindo a satisfação das gerações atuais e futuras. Através deste o homem busca o equilíbrio do planeta sem abrir mão dos lucros. Esse é o período em que o homem busca através desse tipo de desenvolvimento voltar a ter uma relação harmoniosa com a natureza.

É exatamente na era da Revolução técnico-científica, onde os avanços tecnológicos são mais intensos e acontecem de maneira cada vez mais rápida e de tal forma que o homem não abre mão, que também percebemos que este mesmo homem reconhece que precisa de um meio melhor para viver. Reconhecemos que é chegada a hora do homem mudar sua estrutura de poder e acabar com a cultura antropocêntrica que sustenta a sua relação descomprometida com a natureza.

O homem pós-moderno está praticamente dominado pelo sistema capitalista e pela idéia de lucro, o que faz com este torne-se cada vez mais egoísta. É também pela nova ordem mundial denominada de Neoliberalismo, que é muito mais uma camuflagem para o avanço do capitalismo selvagem que prejudica o meio ambiente.

É perceptível, no dia a dia, que a sociedade diante da revolução técnico-científica que nos rodeia tem dado muita importância à tecnologia como meio essencial de sobrevivência. É certo que hoje o homem não abre mão dessa tecnologia, mas também é certo que ele não capta da natureza somente os recursos naturais de que necessita. Dessa forma, ele retira os recursos naturais da natureza de forma irracional, provocando o desequilíbrio ambiental.

Sabemos que muito mais que uma profunda revolução técnica, a revolução industrial foi o coroamento de um processo civilizatório que almejava dominar a natureza e para tal teve de colocar o homem como não-natureza, pois se o homem não fosse assim pensado a questão da dominação da natureza sequer se colocaria (GONÇALVES, 1996).

Sabemos que há uma enorme preocupação com as questões ambientais, isso devido aos grandes problemas de desequilíbrio ecológico que têm provocado alterações na vida social, política e econômica da população. Assim, compreendemos que o equilíbrio deve estar, primeiramente, dentro de nós para, assim, produzir efeitos a favor das causas ambientais.

A busca pelo equilíbrio ambiental é uma busca também social. Busca-se a paz, mas sabemos que é a nossa atuação enquanto humanos que proporcionará isso. Tem que partir de nós. Somos nós que temos de buscar a interação, a harmonia entre os seres vivos e não vivos para assim buscarmos o equilíbrio socioambiental.

Referências

ATAÍDE, I. D. B. Globalização: um mito da sociedade contemporânea? **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**. Ano 10, nº 16, jul./dez, 2001. p. 37-49.

BOFF, L. **Saber cuidar** – ética do humano – compaixão pela terra. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRAGA, B. *et. Al.* **Introdução a Engenharia Ambiental**. São Paulo: Prentia Hall, 2002.

CABRAL, A; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. 11 ed. São Paulo: Cutrix, 2001.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2002.

GONÇALVES, C.W.P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

IBGE, Censo Demográfico. Disponível em: www.ibge.gov.br/censo/. 2000.

LOVELOCK, J. **As eras de Gaia**: a biografia da nossa Terra viva. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MÓDULO do ensino integrado. São Paulo: DCL, 2004.

SILVA, F.L. e INFORSATO, E.C. Algumas considerações sobre as críticas ao conhecimento científico moderno no contexto do processo educativo e a temática ambiental. **Revista Ciência e Educação**, v. 6, n.2, 2000, p. 169-179.

VESENTINI, J. W; VLACH, V. **Geografia Crítica**: o espaço natural e a ação humana. vol. 1. São Paulo: Ática, 1996.

VESENTINI, J. W; VLACH, V. **Geografia Crítica**: o espaço social e o espaço brasileiro. vol. 2. São Paulo: Ática, 1997.

WEIL, P. **A arte de viver em paz**. São Paulo: editora Gente, 1993.